This interview is with a woman who collaborates with Ilê Omolu e Oxum, a centre (or “terreiro”) for adherents of Candomblé, a Brazilian religion of African origin. The centre was founded by Iyalorixá Meninazinha de Oxum in 1968, and has been located in the district of São Matheus (municipality of São João de Meriti) since 1972, very close to the city of Rio de Janeiro. The interviewee helps the centre by writing reports and she is also a member of the National Network of Afro-Brazilian Religions and Health. She talks about talks about the shock she experienced on entering university and about how she became an activist, about the racism suffered by her daughter, and about how participation in the terreiro empowers anti-racism.

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**XXXX**

Sou de Niterói, sou formada em arquivologia e em ciências sociais....Dou uma colaboração junto com o YYYY na juventude de terreiro, não é, faço as relatorias e também faço parte da RENAFRO (Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde)

**LUCIANE**

XXXX, como o racismo te afeta enquanto mulher de axé?

**XXXX**

Ah, eu acho que em todas as esferas. A partir do momento que a gente nasce preto, a gente já nasce com uma marca, não é, com um estigma nessa sociedade brasileira. Então o racismo está em todas as instituições, em todos os lugares. Mas as pessoas ainda negam esse racismo. Dizem “não, mas é só uma brincadeira, não é nada demais…”. Eu tive um caso, assim, que eu como mulher, militante, não é...

Eu descobri minha negrutude um pouco tarde. Mas, aquela criação que o cabelo tem que ser liso, que preto quando não faz coisa errada na entrada, faz na saída, um pouco assim... E, quando eu entrei na Universidade, com o choque que eu tive, que eram tão poucos representantes, tão poucos os alunos negros, comecei a refletir, comecei a participar de um grupo de mulheres negras na UFF - me formei pela UFF. E ai que fui construindo essa identidade, esse empoderamento, que hoje chamam de empoderamento - naquela a época a gente não chamava nisso. Então a gente estava´se reconhecendo, a gente estava buscando nossa ancestralidade, a gente estava engatinhando... Então eu digo que eu tive uma decepção muito grande porque minha filha sofreu racismo. Então, mesmo a gente militando, mesmo a gente tendo toda uma bagagem, quando você sente isso….principalmente com filho. Quando é com você, você fica mal, mas quando é com seu filho, é muito pior. E minha filha...uma das coleguinhas dela de sala de aula falou mal do cabelo dela: falou que ela tinha cabelo de bombril, que ela tinha cabelo duro, que o cabelo dela era feio….não só uma menina, mas um menino também. E os dois sofriam também preconceito na escola, então foi uma forma, também, deles chegarem e machucarem um outro aluno. E a Luana, mesmo sendo uma menina criada com...mesmo a gente sempre conversando sobre negritude, sobre racismo, a minha filha chegou pra mim chorando. Foi uma coisa que a machucou muito. Então, pra eu ir na escola e falar sobre isso foi muito difícil. Eu chorei junto com ela. E ela tinha na época acho que 8 anos de idade, com 8 anos, no 3º ano. Então, é muito difícil a gente lidar com isso, porque a gente pensa assim...não é que não vá acontecer com a gente, mas é muito doloroso, não é? E ai a gente conseguiu resolver da forma mais...vamos dizer assim, educada possível. E aí a diretoria chamou os pais, conversou, eu fui lá, conversei, falei. Aí pediram desculpas, os pais também pediram desculpas. Então foi assim, no final, foi uma coisa que eu acho que todo mundo aprendeu um pouquinho, inclusive a escola, não é, depois desse episódio

Um outro episódio que eu acho muito importante também, que eu assisti, foi um livro didático. Eu acho muito importante a gente falar dos livros didáticos. A minha filha veio com um exercício quando estava no primeiro ano, perguntando como era…..como você é. E aí não tinha um negro. E eu falei pra ela *“você não vai responder”. Ela falou “mãe, mas eu tenho que responder. “Você não é morena*…”. Aí eu fui na coordenação pedagógica da escola e falei “*esse livro não dá pra gente aceitar esse livro, pq esse livro não reflete a diversidade do nosso país. A minha filha não está aqui, então ela não vai responder essa questão*”. A coordenadora pedagógica pediu desculpas, falou que era um livro até indicado pela UERJ. Eu falei, realmente...ela não vai responder. Aí no ano seguinte eles mudaram os livros, foi uma coisa bem legal, porque é uma escola que realmente ouve os pais, tem essa preocupação...Mudaram os livros e hoje a gente tem nos livros realmente uma representatividade muito legal. Então isso é importante. E são essas pequenas coisainhas que a gente tem que estar observando, e ir mudando principalmente as crianças, isso é importante...

**LUCIANE**

XXXX, como a participação nos espaços, como teve hoje, de empoderamento dentro do terreiro, sua participação dentro do espaço axé , te empodera para enfrentar o racismo?

**XXXX**

Ai, eu acho que a força dos guias dos orixás, acho que sem eles, sem esta ancestralidade….e a gente tem sempre que pensar que se a gente está aqui hoje é porque houve luta lá atrás, se o terreiro está aqui hoje é porque ele resistiu lá atrás. Então a gente tem, sim, que pegar essa energia e se fortalecer cada vez mais dentro do terreiro, pra gente poder continuar a luta, dar continuidade. Porque lutar, a gente vai lutar ainda por muitos anos. Porque esse tipo de movimento que hoje a gente está passando, que eu acho que a gente está regredindo no país, não é. Que são insultos, assim, coisas bobas, não é. Então a gente tem que se fortalecer cada vez mais. Eu acho que os orixás...a partir desse nosso movimento de empoderamento de se afirmar enquanto mulher negra, como homem negro, como criança negra nos fortalece a enfrentar tudo isso. Eu acho que dentro do terreiro a gente tira muito dessa energia, desse conhecimento, a gente bebe muito dessas águas, entendeu? Então a gente consegue se organizar muito bem.

**LUCIANE**

Entendi. Obrigada